

EVANGELIZAÇÃO NO CONTEXTO DA POBREZA¹

Michael Kisskalt²

RESUMO

O presente artigo aborda a interação da igreja missionária com pessoas empobrecidas. Ele busca mostrar que é a partir desta interação que se revela a medida em que a igreja sustenta sua teoria evangelística. O artigo procura evidenciar que missão e evangelização estão intimamente ligadas com a questão social da igreja. Apresenta também experiências de encontros evangelísticos com pessoas em situações de contexto de pobreza, tanto a “pobreza absoluta” como a “pobreza relacional”.

Palavras-chaves: Evangelho. Evangelização. Pobreza.

ABSTRACT

This article discusses the interaction of missionary church with impoverished people. He wants to show that it is from this interaction that reveals the extent to which the church supports his theory evangelistic. The article seeks to demonstrate that mission and evangelism are closely linked with the social issue of the church. It also presents experiences of evangelistic meetings with people in situations of poverty

¹ Publicado originalmente em alemão em *Theologisches Gespräch* [Diálogo teológico] 35 (2011), p. 13-18. Traduzido por Roland Körber.

² O autor é professor de Missão e Diaconia no Seminário Teológico de Elstal (FH), Johann-Gerhard-Oncken-Str. 7, 14641 Wustermark, Alemanha. E-mail: MKisskalt@baptisten.de

context, both “absolute poverty” as “relational poverty”.

Keywords: Mission. Evangelization. Poverty.

I. INTRODUÇÃO

É particularmente na interação da igreja missionária com pessoas empobrecidas que se revela a medida em que se sustenta sua própria teoria evangelística e até que ponto também sua prática é útil e motivadora. Pretende-se fundamentar a seguir as condições nas quais o testemunho evangelístico da igreja também deverá e poderá manifestar-se no contexto da pobreza. É claro que não se pode explorar a carência das pessoas para atraí-las à igreja. Por outro lado, o apelo à fé deveria manifestar-se a cada ser humano como convite para o ambiente do amor de Deus. Se esse apelo à fé ocorrer no começo da incumbência missionária geral da igreja, se estiver impregnado de respeito pelo outro e de sua valorização e se refletir uma atitude de abertura e disposição para aprender, este tipo de evangelização poderá proporcionar encontros autênticos com Deus.

Na década de 70, a discussão em torno do entendimento correto de missão e evangelização, estreitamente entrelaçado com a questão e a importância do engajamento social da igreja, gerou grandes tensões em meio à cristandade evangélica.³

O grupo dos social e politicamente motivados, cujos adeptos se encontravam principalmente no *Concílio Mundial de Igrejas (Concílio Ecumênico)*, focalizou as carências terrenas das pessoas, nas quais o amor de Deus interviria curando e libertando.⁴ Segundo sua visão, a existência transcendente do homem na eternidade de Deus era menos relevante para a atividade eclesial. Toda a sua atenção se dirigia para o aqui e agora das carências humanas - a existência futura no além de Deus não era considerada uma preocupação predominante da igreja.

Diferente desta era a opinião dos cristãos evangélicos reunidos no *Movimento de Lausanne*, iniciado com o *Congresso de Lausanne* em 1974. Segundo o *Compromisso de Lausanne*,⁵ a evangelização, ou seja, a proclamação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor, capaz de despertar a fé, é a incumbência primária da cristandade. A evangelização seria a tarefa

³ Sobre a multiplicidade da determinação relacional entre evangelização e ação social cf. BOSCH, David. *L'Évangélisation: courants et contre-courants dans la théologie d'aujourd'hui*. Perspectives Missionnaires 17, 1989, p. 12-32. (versão original em inglês: *Evangelism: theological currents and crosscurrents today* [Evangelismo: as atuais correntes e contracorrentes teológicas]: *International Bulletin of Missionary Research* 11, 1987, p. 98-103).

⁴ Cf. BOSCH, David. *Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission* [Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão]. New York: American Society of Missiology, 1991. p. 400-408: *Mission as quest for justice* [Missão como busca por justiça]; p. 432-446: *Mission as liberation* [Missão como libertação].

⁵ Disponível em www.lausannerbewegung.de/data/files/content.publikationen/55.pdf. Acesso em 30/12/10.

urgente da igreja⁶ porque milhões de pessoas ainda vivem sem fé em Cristo. Enquanto o Compromisso de Lausanne se mostra um tanto discreto quanto à questão do destino transcendente das pessoas sem relacionamento com Cristo, a história da evangelização registra perfeitamente a atitude de desconsideração das carências humanas terrenas em face das trevas eternas, atribuindo-se por isso à assistência cristã um papel nulo ou apenas secundário.⁷

Entre estes dois polos extremos do conceito de missão da igreja desenvolveram-se também posições intermediárias. Há cristãos com motivação evangelística que reconhecem a necessidade de em certos casos a assistência social precisar preceder a evangelização, para que, após receberem ajuda, as pessoas tenham maior disposição de aceitar o testemunho evangélico. Outros classificam o aspecto social como decorrência da evangelização. O engajamento social decorre da mudança de estilo de vida após a conversão. Finalmente, uma efetiva superação da separação entre evangelização e engajamento social derivou da percepção de que a restauração vinda de Deus abrange o homem por inteiro, sua existência terrena em todas as suas facetas e, evidentemente, também seu relacionamento com Deus. Tanto a proclamação do evangelho com apelo à conversão como o engajamento sociopolítico têm o seu lugar na missão da igreja, ocorrendo sob a marca do reino de Deus vindouro,⁸ podendo ser chamada de “missão holística”⁹ ou “missão integral”^{10, 11}. Assim, desde a década de oitenta a evangelização e

⁶ Cf. o Artigo 9º do Compromisso de Lausanne.

⁷ Cf. BERNEBURG, Erhard. *Das verhältnis von verkündigung und sozialer aktion in der evangelikalen missionstheorie* - unter besonderer Berücksichtigung der Lausanner Bewegung für Weltmission [A relação entre proclamação e ação social na teoria evangélica de missões - com especial consideração do Movimento de Lausanne pela Evangelização Mundial]. Wuppertal: STM, 1997. (em particular p. 106-147); cf. BOSCH, 1989, p. 13.

⁸ Cf. o documento ecumênico *Missão e Evangelização* (1982). In: WIETZKE, Joachim (Edit.). *Missão explicada*. Documentos ecumênicos de 1972 a 1992. Leipzig, 1993. p. 74-98.

⁹ Cf. BERNEBURG, 1997, p. 177-199.

¹⁰ Cf. RAMACHANDRA, Vinoth. Was ist und was bedeutet integrale mission? [O que é e o que significa missão integral?] In: KUSCH, Andreas; SCHIRRMACHER, Thomas (Edit.). *Der kampf gegen die weltweite armut* - aufgabe der Evangelischen Allianz? Zur biblisch-theologischen Begründung der Micha-Initiative [A luta contra a pobreza mundial - uma tarefa para a Aliança evangélica? Sobre a fundamentação bíblico-teológica da iniciativa Miqueias, anuário 9 do Seminário Martin Bucer]. Bonn: Martin Bucer Seminars, 2009. p. 111-129. O “Cape Town Commitment” [Compromisso da Cidade do Cabo] confirma essa conexão (cf. *The Cape Town Commitment*. A declaration of belief and a call to action. Draft advance Copy [O Compromisso da Cidade do Cabo. Uma declaração de fé e um chamado à ação. Minuta], 2010, 16s (We love the world’s poor and suffering [Amamos os pobres e sofredores do mundo]). 22s (The integrity of our mission [A integridade da nossa missão]).

¹¹ Sobre o atual desafio de voltar a correlacionar diaconia e evangelização, cf. POMPEY, Heinrich. *Die diakonie des glaubens, hoffens und liebens als ausgangspunkt der evangelisation* [A diaconia da fé, da esperança e do amor como ponto de partida para a evangelização: testemunho vivo 61]. Lebendiges Zeugnis, 2006. p. 185-200.

a diaconia são vistas em quase todas as igrejas cristãs como as duas dinâmicas da missão cristã, sendo atribuídas mutuamente ainda que as ênfases possam variar.¹² O que muitas vezes permanece nebuloso é o que exatamente se deverá entender por evangelização e qual seria a forma de evangelização adequada ao evangelho e ao homem. Aqui então a evangelização no contexto da pobreza se torna a “pedra de toque” de uma correta compreensão da evangelização.

2. O QUE SIGNIFICA “EVANGELIZAÇÃO”?

Quem quiser fazer justiça ao tema da evangelização no contexto da pobreza precisa deixar claro o que ele entende por “evangelização”. No âmbito desta exposição, então, não se exporá a discussão missiológica desta questão. Os aspectos relevantes da evangelização serão resumidos em algumas teses que refletem seu sentido em termos de teologia da missão:

2.1 Toda missão evangelística tem a marca da “missão de Deus” que se realiza nas “missões das igrejas”

A origem da atuação e da existência missionária da igreja é o próprio Deus. As “missões da igreja” originam-se no movimento missionário de Deus (*missio Dei*).¹³ As escrituras bíblicas narram a história de Deus com sua humanidade, testificando a ativa e crítica intervenção de Deus na história humana com o fim de explicar sua ideia do que seja vida. Na vida e no ministério de Jesus e em sua morte e ressurreição, esse movimento de Deus em direção ao homem se adensa e esclarece em forma de vinda em amor e justiça. Uma evangelização adequada relaciona-se profundamente com esse movimento de Deus em direção ao homem. A evangelização precisa ser compreendida em meio a uma missão que significa antes e depois de tudo: Deus dirige-se à humanidade com seu amor e sua justiça.

O objetivo do movimento missionário de Deus é *o homem em seu mundo*. Tudo depende da sua resposta em amor e obediência. O homem que Deus deseja não é uma figura abstrata e teórica, mas uma pessoa com sua história e seu arcabouço de relacionamentos. Deus se aproxima do homem, que configura sua vida neste mundo

¹² Cf. a respeito dos “evangélicos radicais” e sua meta de “transformação da sociedade”: REIMER, Johannes. *Evangelikale für soziale gerechtigkeit und die suche nach der gesellschaftlichen relevanz in den kirchen des westens* [Evangélicos a favor da justiça social e a busca de relevância social nas igrejas do ocidente]. ZMiss, 2009. p. 359-375.

¹³ Cf. SUNDERMEIER, Theo. *Theologie der mission: konvivenz und differenz. Studien zu einer verstehenden missionswissenschaft* [Teologia da missão: convivência e diferença. Estudos sobre uma missiologia compreensiva]. Erlangen: MWNF, 1995. p. 15-42.

bom - mas também caído e em desmoronamento - que Deus criou.¹⁴ A missão de Deus enfoca o homem como criatura em sua dignidade e capacidade, bem como em sua fome por vida e felicidade. Ela vê o homem em seu egocentrismo sem freios que o torna indiferente ao seu Criador e às rupturas e conflitos na sua vida social. O homem em seu mundo e em seu contexto inclui sua história como indivíduo no âmbito da sua comunidade e sua respectiva maneira de entender, sentir e configurar sua vida. Dependendo da época e da região, o homem adquire características particulares em sua cultura. Os temas aos quais o evangelho teve de dar uma resposta na Europa há 1.000 ou 500 anos não são mais necessariamente os temas de hoje.¹⁵ A multiplicidade cultural da missão se desdobra mais até chegar à atualidade. Deus está em movimento, ele penetra de muitas maneiras nos projetos de vida contextuais concretos dos seus homens. O Espírito de Deus identifica a linguagem e o tema aos quais os homens reagem abertamente em cada caso a favor DELE, ao seu amor e à sua justiça. Com base nisso, uma tarefa essencial da missão cristã é buscar e aplicar em cada caso esse caminho pelo qual Deus vem a nós.¹⁶

Deus vem com seu amor e sua justiça. O movimento de Deus em direção ao homem traz perdão, cura e consolo. Deus aceita o homem como ele é. O homem não precisa cumprir pré-condições para merecer o amor de Deus. Pelo fato de Cristo ter assumido em sua morte na cruz a culpa do homem, qualquer um pode se entender e sentir aceito e amado por Deus. Onde a luz de Deus penetra na vida das pessoas, a escuridão e o mal se revelam. Em razão disso, o pedido de perdão e os lamentos no sofrimento são expressões centrais da fé cristã em sua formação e existência. Quem é atingido pelo amor de Deus na verdade não tem mais condições de continuar a viver como antes. O amor de Deus é claro e justo e não deixa espaço para o mal. Quando Cristo confronta o homem, antecipa-se nisso o julgamento escatológico (Jo 3.18-19). A impiedade do coração humano se manifesta. Em sua conversão, o homem confessa sua culpa e aceita o chamado para um estilo de vida de santificação e de atuação em justiça. Ser cristão é presente e compromisso. Portanto, o testemunho evangelístico da igreja chamará a culpa e a injustiça pelo nome, convidando e desafiando o homem que se abre à fé cristã a adotar um estilo de vida que corresponda ao evangelho. Ao mesmo tempo,

¹⁴ Com base nisso, a missiologia também passou entretantes a falar da missão ecológica da igreja. No presente ensaio, a reflexão se limita ao homem, uma vez que apenas este pode ser desafiado a crer no âmbito da missão evangelística.

¹⁵ Se nos tempos de Martinho Lutero, entre os séculos XV e XVI, o homem buscava o Deus misericordioso, o homem de hoje é desafiado pela questão de uma vida misericordiosa.

¹⁶ *Inculturação e contextualização* são os conceitos missiológicos por meio dos quais se tenta reproduzir esses movimentos das missões.

o chamado evangelístico dos cristãos à fé precisa incorporar-se no contexto da totalidade de sua missão e acompanhar-se de um engajamento maior a favor da justiça dos carentes.

Deus aborda os homens com seu amor e sua justiça. Ao lhes dar a incumbência missionária, Jesus transfere sua missão aos seus discípulos e, com isso, à igreja: Como o Pai me enviou, envio vocês! (Jo 20.21). Jesus anunciou o evangelho do Reino de Deus, chamou as pessoas à conversão (Mc 1.14s) e curou e ajudou onde quer que pudesse.

A evangelização desenvolverá sua força peculiar onde se manifestar como parte do movimento integral de restauração promovido por Deus (*missio Dei*).¹⁷

2.2 A dinâmica da missão evangelística consiste na força do seu testemunho verbal do evangelho, mas esta dinâmica só pode desenvolver-se quando se relaciona com a missão diaconal e profética da igreja

A descrição clássica das incumbências da igreja segue os conceitos gregos de *koinonia* (comunhão), *leiturgia* (culto), *didaskalia* (doutrina), *martyria* (testemunho) e *diakonia* (serviço). A seguir tomaremos como premissa os aspectos de formação da comunhão, do culto e da doutrina que sustentam a igreja e são relevantes para a vida interna da comunidade, sem continuar a tematizá-los. Caberá atenção especial aos movimentos de testemunho de fé e de serviço em palavras e atos derivados da vida interna da igreja.¹⁸

Partindo da missão proveniente de Deus na forma como se manifesta na missão de Jesus, mas que também já se manifesta no testemunho do Antigo Testamento, a missão se realiza nas três dinâmicas de evangelização, diaconia e profecia. Todas as dinâmicas são parte da missão dada por Deus e, com isso, das *missões* da igreja de Jesus. Nenhuma dinâmica pode reivindicar exclusivamente para si o papel de ser a *única* missão da igreja. Por outro lado, nesse movimento missionário de Deus em direção aos homens faltará algo essencial se alguma dessas dinâmicas não se realizar na missão da igreja. Refletida no testemunho bíblico, a diaconia cristã envolve não só a ajuda em necessidades concretas, mas também a atuação

¹⁷ Aqui, então, será necessário também o conteúdo ir além da distinção predominantemente terminológica entre missão e evangelização na forma preconizada por Martin WERTH (*Theologie der evangelisation* [Teologia da evangelização]. Neukirchen-Vluy, 2004. p. 62-64).

¹⁸ É claro que também neste movimento excêntrico da igreja a comunhão, o culto e a doutrina têm algum papel, mas esse contexto não será particularmente tematizado aqui.

profética do povo de Deus para dentro da sociedade, que chama a injustiça pelo nome e defende a justiça.¹⁹ A proclamação apelante do evangelho e a ação social e sociopolítica moldaram a história da igreja ao longo de muitos séculos e lhe proporcionaram uma dinâmica peculiar. Todas as três dinâmicas - evangelização, diaconia e profecia - fazem parte da grande missão de Deus e por isso se expressam nos esforços missionários cristãos concretos. É justamente nas múltiplas situações de pobreza que a integração e o paralelismo dessas dinâmicas missionárias se torna indispensável.

Em última análise, os cristãos terão de reconhecer em seus respectivos contextos em qual das três dinâmicas missionárias buscarão seus impulsos, e raramente se decidirão apenas por uma das variantes. Na complexa realidade da vida, as três dimensões e dinâmicas da missão se superpõem. A decisão não será tomada em torno da mesa de reuniões, mas na prática diária da fé: na escuta de Deus em oração, com a Bíblia aberta diante de si e “com os pés firmes no chão”.

Entretanto, se perguntarmos pelo operador missionário, ou seja, aquele por intermédio de quem Deus realiza as respectivas missões em sua criação, acaba-se constatando a atividade de muitas pessoas e organizações à margem da igreja atendendo aos desafios diaconais e sociopolíticos na sociedade. Os cristãos podem ser gratos por *todas* as iniciativas diaconais e sociopolíticas. Entretanto, a transmissão do evangelho em palavras é tarefa particular da igreja de Jesus, da qual ninguém outro a dispensará. Isto só pode ser feito por gente pessoalmente tocada pela Palavra de Deus. O papel especial da evangelização na missão da igreja não decorre de ela ser de antemão essencialmente mais relevante que as outras dimensões da missão, mas sem ela a missão de Deus não atingirá seu objetivo. Sua importância particular para a igreja reside no fato de que nenhum outro grupo social além dos cristãos assume esta tarefa. Em razão disso, a igreja de Jesus será sempre e em toda parte desafiada a encarar a questão de como levar ao povo a palavra do evangelho de forma adequada e eficaz, inclusive em situações de pobreza, injustiça e opressão.

Assim, o falecido teólogo sul-africano David Bosch tem sustentado o ponto de

¹⁹ A missão profética da igreja pode ser derivada particularmente da crítica social nas escrituras proféticas do Antigo Testamento (p.ex. Isaías, Amós). No contexto da história de Israel, os profetas religiosos podiam denunciar mazelas sociais porque o povo de Deus e seu contexto social eram praticamente idênticos. A situação é diferente no Novo Testamento, que contém as escrituras de uma igreja em formação, que se encontrava no Império Romano inequivocamente na posição de minoria, às vezes mesmo perseguida. O livro do Apocalipse, por exemplo, revela que essa minoria também se manifestava politicamente quando contrapõe a reverência prestada ao imperador romano à adoração ao Cordeiro de Deus.

vista de que também a evangelização tem seu lugar no novo paradigma missionário.²⁰ Ele define evangelização como

dimensão e atividade da missão cristã [...] que ofereça a cada pessoa em todo lugar por meio de palavras e atos uma efetiva oportunidade de deixar-se desafiar para uma reorientação radical. Esta inclui também a libertação da escravidão do mundo e dos seus poderes e a entrega a Cristo como Salvador e Senhor. O homem pode tornar-se membro da comunidade de Jesus Cristo, a igreja, ser incluído no serviço da reconciliação, da paz e da justiça na terra, integrado no plano de Deus de submeter todas as coisas ao senhorio de Cristo.²¹

Por conseguinte, a evangelização precisa tomar conhecimento da pobreza como parte da “escravidão do mundo e dos seus poderes”, da qual a “reorientação radical” baseada no evangelho liberta. Quem for libertado desta maneira será posto a serviço da justiça a fim de ajudar ao lado dos pobres e se engajar contra as estruturas injustas e empobrecedoras. A ênfase especial da missão evangelística tem a conversão como alvo: a reorientação de vida do seu público. A igreja deve oferecer esta possibilidade de desafio a uma reorientação da vida também no contexto da pobreza. De modo nenhum ela pode fazer isso numa atitude de superioridade, mas num estilo de vida de “coexistência”, no mesmo nível do público.

2.3 A evangelização adequada ao evangelho e ao homem realiza-se numa atitude de convivência²²

Deus não leva sua justiça e seu amor ao homem flutuando sobre este de forma transcendente para lhe transmitir suas instruções de vida, mas colocando-se ao seu lado como irmão na pessoa de Jesus. Em Jesus, Deus se põe junto ao homem. É nisso que também reside o profundo mistério da comunhão de mesa com Jesus. Jesus compartilha sua vida com seus semelhantes, serve-lhes e aceita ser servido por eles. Ele não é um rabino e milagreiro destacado deles. A missão de Deus realiza-se como coexistência, como convivência, sendo este o termo próprio adotado em teologia missionária. É aí que pulsa o coração de toda missão cristã, não importando em qual

²⁰ Cf. BOSCH, 1991, p. 409-420; cf. resumidamente em alemão: BOSCH, David. Evangelisation, Evangelisierung. In: MÜLLER, Karl; SUNDERMEIER, Theo (Edit.). *Lexikon missionswissenschaftlicher grundbegriffe* [Enciclopédia de conceitos missiológicos básicos]. Berlim, 1987. p. 102-105.

²¹ BOSCH, 1987, p. 105; cf. BOSCH, 1991, p. 420.

²² Cf. SUNDERMEIER, Theo. *Konvivenz als grundstruktur ökumenischer existenz heute: konvivenz und differenz: studien zu einer verstehenden Missionswissenschaft* [Convivência como estrutura básica da existência ecumênica hoje. Estudos sobre uma missiologia compreensiva]. Erlangen: MWNF, 1995. p. 43-73.

das três dinâmicas citadas ela se realize.

O missionário discípulo de Cristo não é alguém que se sinta superior aos outros e faça ou diga algo *em favor* destes. Uma diaconia não convivente leva ao abuso da pobreza e à criação e manutenção de poder sobre pessoas. A profecia não convivente leva à arrogância política que divide o mundo em bons e maus e se comporta correspondentemente. Evangelização não convivente tenta manipular e pressionar as pessoas para atraí-las à fé. Em todos esses casos, pessoas tornam-se objetos da missão cristã e são menosprezadas em seu caráter subjetivo de criaturas de Deus amadas e dignas.

O missionário de orientação evangélica leva a sério seus semelhantes como imagens de Deus. Ele os aborda na expectativa de se deparar não somente com um pecador, mas também com a imagem de Deus. O semelhante não é apenas um destinatário da evangelização cristã, mas também uma pessoa na qual Deus quer apresentar-se ao evangelista para expandir o horizonte deste. Deus chega antes do missionário²³ (cf. At 10). Cristãos missionários têm algo a transmitir, a palavra do evangelho, o ato de amor, a postura de justiça, mas tudo isso não baseados num sentimento de superioridade, mas numa postura de solidariedade. Os cristãos têm em comum com todos os homens o fato de serem criaturas de Deus e também pecadores diante de Deus, gente com seus potenciais e debilidades, com seus recursos e limitações. Todo homem pode ser altruísta ou desconsideradamente egoísta. Em última análise, cada um depende do amor e da graça de Deus. O reconhecimento desta situação comum diante de Deus protege o cristão missionário contra qualquer sentimento de superioridade. Só assim ele pode encarar seu semelhante no mesmo nível, em convivência.

O objetivo da missão convivente como diaconia é conseguir que o semelhante reencontre logo meios próprios de configurar sua própria vida da maneira mais autônoma possível. O diácono de mentalidade evangélica estará bem disposto a deixar-se ajudar por outros, talvez até por aquele que ele mesmo acabou de ajudar. A missão convivente profética fala e atua claramente a favor de mais justiça social, mas para isso não explora simplesmente a necessidade dos pobres como argumento para sua própria promoção política. O profeta de mentalidade evangélica atua a partir do estreito contato com os atingidos e, apesar de toda a clareza do seu discurso e de sua atuação, cuidará de preservar a dignidade do seu interlocutor político.

²³ Cf. BOFF, Leonardo. *Gott kommt früher als der missionar*. Neuevangelisierung für eine kultur des lebens und der Freiheit [Deus chega antes do missionário. Reevangelização para uma cultura de vida e liberdade]. Düsseldorf, 1992. (especialmente p. 93ss).

Missão convivente como evangelização testifica do amor e da justiça de Deus tal como se revela em Jesus Cristo e convida a crer (Lc 14.16ss). Faz isso respeitando o outro, seus questionamentos e experiências, dos quais o evangelista sempre poderá também aprender algo de novo da parte de Deus. Por isso, evangelistas evangélicos não são sabichões no conhecimento ou na atuação, mas, reconhecendo suas próprias lutas, apela para a aceitação da reconciliação com Deus (2Co 5.18).

3. O ENCONTRO EVANGELÍSTICO COM PESSOAS NA POBREZA - EXPERIÊNCIAS E CONCLUSÕES DA PRÁTICA

Quem entender a evangelização no sentido exposto dentro do comissionamento missionário geral da igreja à luz da *missio Dei*, estará livre das unilateralidades formadas ao longo da história para tratar da questão da evangelização no contexto da pobreza. Com certeza os cristãos missionários encontrarão meios de ajudar pessoas empobrecidas em suas carências concretas (“diaconia”) e de se engajar em política social (“profecia”) a fim de evitar situações de carência similares no futuro. Sem dúvida, isso tem o seu lugar na missão cristã. A seguir passaremos a nos concentrar na questão da forma adequada ao evangelho e às pessoas pela qual o testemunho da Palavra poderia ser transmitido a “pobres” para convidá-los à fé. Se Deus é Deus dos pobres (p.ex. Sl 9.9) e Cristo se entende como enviado aos pobres, dando atenção especial aos pobres e marginalizados (Lc 4.18-19), então o primeiro lugar da igreja de Jesus será aquele ao lado dos pobres.²⁴ Também eles são desafiados a reorientar sua vida para o Deus da vida.²⁵ Todavia, a evangelização entre pessoas em pobreza só será possível se a igreja se posicionar solidariamente ao lado delas. Para que a igreja

²⁴ Este é o foco propriamente dito das “teologias da libertação” e sua exigência de “opção pelos pobres”; cf. fundamentalmente a respeito GUTIERREZ, Gustavo. *Theologie der befreiung* [Teologia da libertação]. Munique: Systematische Beiträge.1973. Cf. a respeito na discussão diaconológica alemã: FLESSA, Steffen. *Arme habt ihr allezeit: ein plädoyer für eine armutsorientierte diakonie* [Sempre tendes pobres: uma defesa da diaconia voltada à pobreza]. Göttingen, 2003; FLESSA, Steffen. *Armutsorientierung: dringender als je zuvor. einige präzisierungen zur armutsorientierung diakonischer sozialeleistungsunternehmen* [Orientação para a pobreza: mais necessária do que nunca antes. Algumas definições sobre a orientação de empreendimentos diaconicos de serviço social à pobreza]. PTh, 2006; cf. o memorando da EKD sobre a pobreza na Alemanha: *Gerechte teilhabe. Befähigung zu eigenverantwortung und solidarität* [Participação justa. Capacitação para responsabilidade própria e solidariedade], Gütersloh 2006, p. 45-47; cf. HASLINGER, Herbert. *Diakonie: grundlagen für die soziale arbeit der kirche* [Diaconia: fundamentos do trabalho social da Igreja]. Paderborn, 2009. p. 311-312, 382-397. Sobre as referências bíblicas: cf. HASLINGER, 2009, p. 218-302.

²⁵ Também a teologia da libertação latino-americana expressa isso: cf. GUTIERREZ, 1973, p. 279s. A declaração ecumênica *Missão e evangelização* (1982) desafia convincentemente as igrejas em seus artigos 31-36 - “Boa nova para os pobres” a ser pobre para os pobres sem supervalorizar espiritualmente a situação da pobreza (cf. WIETZKE, 1993, p. 90-93).

missionária possa dedicar-se adequadamente a essa tarefa, ela precisa antes entender no que consiste a situação concreta de pobreza das pessoas.

3.1 A evangelização à luz da imagem bíblica do ser humano começa com a constatação da pobreza concreta do outro, na qual em última análise se reflete a nossa própria pobreza

Quem quiser transmitir o evangelho precisa reconhecer a situação efetiva do seu interlocutor e orientar correspondentemente o testemunho da sua fé. Sem dúvida, isso implica antes de tudo o reconhecimento da pobreza.

Selecionemos algumas das muitas definições de pobreza²⁶ que serão úteis para as subsequentes conclusões práticas da evangelização no contexto da pobreza: cabe distinguir entre “pobreza absoluta”, que põe em risco direto a própria vida, e a “pobreza relativa” (p.ex. na Alemanha), que se define em função do padrão de vida médio de cada contexto. “Por isso, é preciso entender pobreza como falta de participação, cujo núcleo é constituído pela situação de carência material”.²⁷ No encontro com pessoas carentes será também necessário distinguir entre pobreza subjetiva e objetiva: quem define determinado indivíduo como sendo “pobre”? Os especialistas em sociologia ou o próprio indivíduo? Em que medida ele mesmo se considerará pobre? Há muitos que se consideram pobres ainda que outros não os vejam como tais. De qualquer forma, há que se considerar o processo do empobrecimento, que pode levar ao ponto de não haver mais possibilidade de vida humanamente digna.

Do ponto de vista bíblico, o homem como imagem de Deus é portador de uma dignidade incomparável. Essa dignidade o destina a contribuir ativamente para configurar e marcar a vida aqui na terra. Com isso, a essência do ser humano não se reduz apenas à sua individualidade. O homem é homem em relação a si mesmo, mas

²⁶ Cf. as tentativas de definição de BUTTERWEGE, Carolin. *Armut von Kindern mit migrationshintergrund: ausmaß, erscheinungsformen und ursachen* [Pobreza de crianças no contexto da migração. Extensão, formas de manifestação e causas]. Wiesbaden, 2010. Cf. também a visão socioteológica diferenciada de pobreza e justiça no memorando da EKD, *Teilhabe* [Participação] p. 43-45. Com CHAMBERS, Robert. *Rural development: putting the last first* [Desenvolvimento rural: colocando os últimos em primeiro lugar]. Londres, 1983, ou, ligeiramente alterado em: *Poverty and livelihoods: whose reality counts? Environment and urbanization* [Pobreza e meios de vida: qual realidade conta? Ambiente e urbanização], 7, 1995, p. 173-204. Poder-se-ia aí distinguir sociologicamente entre as seguintes expressões da pobreza ou do empobrecimento: pobreza material, pobreza física (p.ex. por vida insalubre, desnutrição) pobreza social (isolamento, falta de acesso a serviços e informações), vulnerabilidade (sem amortecedor em caso de doença ou acidente, falta de opções de configuração da vida), impotência (por deficiência educativa ou falta de acesso p.ex. a sistemas sociais ou jurídicos) e humilhação.

²⁷ BEDFORD-STROHM, Heinrich. *Armut*. In: HONECKER, Martin; et. al. *Evangolisches soziallexikon* [Enciclopédia social evangélica]. Stuttgart, 2001. p. 113-115.

também em relação aos seus semelhantes e a Deus.²⁸ Diante disso, a pobreza tem do ponto de vista bíblico sempre a ver com um nítido distúrbio da condição humana em um ou mais planos relacionais.²⁹ Como todo ser humano passa em sua natureza de ser relacional por tais experiências de autoquestionamento, toda pessoa se perceberá em determinadas situações como “pobre”. O desafio particular da interação com pessoas evidentemente empobrecidas consiste em que elas nos lembram do risco particular da nossa própria existência humana.

A seguir, passaremos a analisar essas visões de homem e pobreza com relação à evangelização com base em *experiências* pessoais no contexto da pobreza.³⁰

Tenho interagido com pessoas existencialmente pobres durante o meu vicariato e o período de pastor de jovens na igreja batista de Berlim-Charlottenburg. Aquela igreja havia criado uma espécie de café social para desabrigados, que funcionava quatro dias por semana. Realizei regularmente um devocional com e entre essas pessoas, que por circunstâncias quaisquer da vida descarrilaram ou também tinham optado por esse estilo de vida, e depois me sentava à mesa para conversar com elas. A maioria dava valor àquela oferta de juntar bebida quente e um pequeno lanche com um breve devocional, e para os colaboradores aquele momento de identificação cristã também era importante.³¹

Tive meu segundo importante encontro com a pobreza durante os anos em que atuei com minha família como missionário em Camarões. Todo dia havia gente à nossa porta pedindo ajuda, trabalho e dinheiro para poder criar uma base para sua vida ou adquirir os medicamentos necessários para sua sobrevivência.

Ao interagir com pobres, corre-se o risco de logo interpretar mal sua problemática e sua própria experiência de pobreza. No café social de Charlottenburg, alguns dos desabrigados tinham controle bastante bom da sua vida. Tinham-se identificado com seu estilo de vida sem residência e emprego fixos e eram suficientemente fortes para

²⁸ Cf. os salmos de lamento da Bíblia, nos quais se vincula a angústia da doença à perda da comunhão humana e com Deus.

²⁹ Não se leva em conta aqui a noção israelita tardia da pobreza, segundo a qual o remanescente piedoso de Israel se enxerga como “pobre” diante da percepção de sua dependência de Deus (cf. Mt 5: Bem-aventurados os pobres de espírito).

³⁰ Também no meu bairro burguês na periferia de Berlim nos defrontamos com determinadas formas de pobreza, de natureza menos material do que social. Muitas vezes, as pessoas desse contexto transmitem uma impressão de intranquilidade e insatisfação. Sentem-se pressionadas pelos desafios profissionais que também desintegram suas famílias porque não encontram mais tempo para se dedicarem uns aos outros.

³¹ Os frequentadores do café social estavam livres para deixar o recinto durante o devocional para inserir do lado de fora um intervalo para fumar, mas normalmente eles já esperavam por aqueles dez minutos, que claramente eram importantes para eles.

extrair o melhor da sua situação. Outros haviam deslizado para essa espiral de pobreza em razão de algum encadeamento de circunstâncias adversas, e sofriam com isso. Alguns sentiam-se a si mesmos pobres, outros menos. Em meus devocionais no café social e em conversas à mesa eu tinha de tomar muito cuidado para não projetar sobre todos as respectivas situações e atitudes diante da vida de um ou outro indivíduo. No que consiste essencialmente a pobreza do meu semelhante? Que aspectos da pobreza o afetam particularmente? Do ponto de vista burguês, p.ex., o simples fato de falta de moradia e de emprego é uma espécie de pobreza, tal como muitos dos frequentadores do café social de Charlottenburg sentiam, se bem que para alguns o problema propriamente dito não residia nisso, mas antes no fato de ser desvalorizados pela sociedade por seu estilo de vida, embora eles mesmos não se sentissem assim.

Quem convida “pobres” à fé precisa estar disposto a questionar seu próprio preconceito de pobreza. Essa autorreflexão crítica também pode levar-nos a reconhecer nossa própria pobreza.³² Muitas vezes deixei com vergonha as conversas à mesa em Charlottenburg diante do discernimento e da sabedoria dos meus interlocutores aparentemente singelos. Poder reconhecer a pobreza própria no espelho da pobreza do outro é uma grande dádiva.

Em meu retrospecto pessoal destas experiências, foi justamente essa admissão dos meus limites e o reconhecimento das sabedorias de vida dos frequentadores do café que fez com que eles se abrissem para o testemunho de fé do pessoal da equipe.

3.2 Quem quiser divulgar o evangelho entre os “pobres”, precisa fazê-lo numa atitude de solidariedade, sem apagar as diferenças de situações

Ao cristão que tenta viver de acordo com a postura de convivência de Jesus, o Espírito de Deus abre o caminho para o coração do outro. Qualquer gesto de superioridade endurece os corações ou distorce a compreensão do evangelho como se este existisse para que o outro “galgue” o nível de vida do missionário. Com certeza o evangelho ajudará o pobre a respeitar mais sua vida, a controlar

³² A situação torna-se particularmente instigante quando o pobre não se comporta como pobre da maneira esperada. Em Camarões fiquei muito impressionado com a intensidade com que os camaroneses sabiam festejar - apesar de muitas situações miseráveis. Às vezes, sua pobreza material pesava pouco diante da nossa própria pobreza social com a qual nós às vezes nos sentíamos bastante solitários entre os nossos irmãos de cor apesar de sua sociabilidade e abertura.

melhor seu estilo de vida e, com isso, a progredir socialmente.³³ Contudo, o impulso decisivo para as decisões essenciais para a vida será proporcionado por cristãos que não abordem o semelhante empobrecido de cima para baixo, mas lá onde ele se encontra na respectiva situação.

Como missionário em Camarões, não pude simplesmente tornar-me um camaronês para os camaroneses e, evidentemente, um pobre para os pobres. No entanto, foi importante para mim que as pessoas percebessem que eu as levava a sério, ainda que nem sempre atendesse aos seus pedidos. Quando as pessoas percebem esse respeito diante de sua situação e suas demandas, também se disporão a aceitar conselhos ou até arriscarão oferecer a mim como assistente algum conselho ocasional, porque a interação se dá no mesmo nível. É nisso que reside a força essencial da missão evangelística da igreja entre os pobres. Solidariedade significa que os cristãos não só ajudam os pobres, mas que também aceitam ajuda deles. Porque a pregação do evangelho também inclui a confissão da própria dependência de ajuda externa.

Por outro lado, não se deve cair na tentação de encenar um papel de pobre ao interagir com outros mais pobres. Em Camarões, as pessoas consideram ofensivo quando os europeus não se vestem e comportam de acordo com suas condições de origem ao tratar com os camaroneses. Mesmo o mais pobre dos camaroneses se sentirá honrado se o europeu se apresentar a ele como europeu e também demonstrar isso por meio de uma indumentária honrosa. Apresentar-se ao pobre vestindo roupas pobres é visto como atitude mentirosa de desprezo do outro. Quando alguém abordava o pobre vestindo-se de acordo com sua própria condição, este se sentia honrado. Neste contexto, convivência significava respeitar a cultura de vida e a ordem social que se desenvolveu ao longo de décadas e séculos, adaptando a isso seus próprios ideais. O missionário europeu em posição de liderança na igreja e na sociedade precisa assumir sua elevada posição na hierarquia social de Camarões e ainda assim preenchê-la fraternalmente. A convivência justamente não significa negar sua própria identidade, mas abri-la ao outro e interagir com ele olho no olho. Portanto, quando nos defrontamos com pessoas mais pobres ao testemunhar nossa fé, não devemos relativizar sua situação ou expô-la ao ridículo apresentando-nos

³³ Cf. sobre a história social do movimento pentecostal: GRAF, Friedrich Wilhelm. *Der protestantismus: geschichte und gegenwart* [O protestantismo: história e atualidade]. Munique, 2006; BERGUNDER, Michael. *Soziologische theorien und theologische debatten: pfingstbewegung und basisgemeinden in Lateinamerika* [Teorias sociológicas e debates teológicos: movimento pentecostal e comunidades de base na América Latina]. Hamburgo: Weltmission heute, 2000. p. 7-42.

mais pobres do que somos. É claro que o oposto também é inconveniente, ou seja, ostentar “riqueza” e com isso sugerir a inferioridade do interlocutor.

3.3 A evangelização à luz do evangelho descobre o pobre como criatura de Deus amada e dotada

Seria equivocada uma evangelização que se concentrasse apenas nas debilidades e carências das pessoas.³⁴ Essa tentação é particularmente grande justamente na integração com gente mais pobre. No entanto, aos olhos de Deus, mesmo o mais pobre dos indivíduos não é simplesmente deficitário, mas uma criatura maravilhosamente criada e amada, com variados dotes.

O que hoje se tornou usual em oficinas para deficientes físicos, ou seja, tomar como ponto de partida os potenciais e os interesses dos atendidos, oferecendo-lhes com isso uma perspectiva de vida, pode ser ainda mais válido para o conteúdo da proclamação do evangelho aos homens. Nada deve ser escamoteado, nem o sofrimento nem o pecado, mas quando se dá ênfase excessiva a estes aspectos, os ouvintes serão fixados aos aspectos deficitários da sua condição humana em vez de lhes ser aberto um espaço para viver. A pregação do evangelho vai buscar o ser humano em seus dotes e possibilidades dados por Deus, inclusive em pessoas em situações de carência, para levá-lo a uma reorientação também da sua vida sobre o fundamento do evangelho por meio de reorientação do seu foco.

Ao interagir com os camaroneses pedintes à porta da minha casa em Ndiki, surpreendeu-me a permanência do efeito quando eu não me limitava a dar-lhes dinheiro, mas também um pacote de sementes que pudessem semear em seus campos para explorá-los. Os frutos serviam então para sua alimentação ou podiam ser vendidos no mercado. Muitos me agradeceram ainda anos depois por eu não os ter nem rejeitado nem despedido com uma esmola em dinheiro. Minha percepção dessa situação me levou à conclusão de que esse tipo de ajuda os desafiava a entrar em atividade e a redescobrir suas próprias possibilidades. Embora esse engajamento fosse de natureza mais diaconal do que evangelística, ele é um bom modelo para a possibilidade de despertar forças de maneira similar por meio do testemunho verbal quando não prendemos as pessoas às suas experiências negativas.

³⁴ Cf. os aspectos antropológicos na pregação do evangelho em BUB, Wolfgang. *Evangelisationspredigt in der volksskirche: zu predigtlehre und praxis einer umstrittenen verkündigungsgattung* [Pregação evangelística na igreja popular. Sobre homilética e prática de uma categoria controvertida de proclamação]. Stuttgart, 1990. p. 130-140.

3.4 O evangelista escuta a mensagem de Deus por meio do pobre

Idealmente, a pregação que desperta a fé desafia as pessoas a encontrar sua própria forma de expressão da fé. Nos meus devocionais no café social, eu tinha uma sensação de êxito especialmente quando conseguia levar os presentes a comentarem por conta própria determinadas passagens bíblicas, estabelecendo conexões entre elas e sua própria vida. Às vezes os comentários dos frequentadores eram irritantes e muitos aproveitavam a oportunidade para se destacar diante dos outros. Muitas vezes, porém, aquela breve meditação resultava em uma estimulante conversa pública sobre a fé, com perguntas e respostas surpreendentes, fazendo com que eu mesmo me sentisse presenteado ao sair de lá.³⁵

Evangelização convivente tal como se revela na interação com pessoas empobrecidas significa que o testemunho de fé se transforma em diálogo, de modo que não apenas o outro aprenda algo com o missionário, mas também o missionário do seu semelhante a quem foi enviado, porque neste ele se defronta com a face de Deus.

3.5 O testemunho cristão no contexto da pobreza significa expressar o evangelho como convite e pedido, focar o conteúdo do testemunho do evangelho nas carências e nos potenciais concretos do interlocutor e desafiá-lo a seguir Jesus

Este preenchimento da proclamação do evangelho com conteúdo para os mais pobres vale para todos os contextos. Uma evangelização bem compreendida não pressiona nem manipula ninguém, mas explica e testifica humilde e claramente como Deus se aproxima de nós por meio de Jesus. A evangelização não pode ter outro caráter senão o de convite e pedido. Renunciar totalmente à evangelização por causa de certas experiências ruins e compulsivas para contentar-se no contexto da pobreza com prestação de ajuda e intercessão contradiz a motivação básica de Deus, que deseja atingir o homem nas profundezas do seu ser.

Uma evangelização bem compreendida levará em conta a temática das carências e dos potenciais concretos do ouvinte. Palestras evangelísticas concebidas para ouvintes norte-americanos permanecerão incompreensíveis em outros contextos. Em algumas culturas a mensagem da culpa que Deus perdoa é uma ponte em

³⁵ Aprendi dos camaroneses p.ex. que a comunhão e a celebração conjunta são mais importantes do que a produção de inúmeros papéis, ou: ser humano também significa celebrar, não importando o tamanho da miséria.

direção à fé; em outras, será necessário abordar o tema da solidariedade de Deus no sofrimento.

Um desafio particular consiste em abordar os potenciais das pessoas como ponto de contato para o amor e a justiça de Deus. As facetas humanas positivas não são apenas uma expressão particular da pecaminosidade do homem cujos potenciais o induzem a pensar que não precisa de Deus.³⁶ Antes, valeria a pena por exemplo mencionar que Deus depende da cooperação do homem para configurar sua criação. Deus se torna voluntariamente dependente dos seus homens.

A particularidade da pregação evangelística em comparação com outras pregações consiste no foco no convite de aceitar a mão estendida de Deus. Ainda que, em última análise, seja o Espírito de Deus que convence o coração do homem, do ponto de vista humano será antes e depois de tudo o próprio homem que dará sua resposta de fé ou incredulidade ao evangelho. A pregação evangelística deverá dar espaço a essa resposta, seja por meio de atos simbólicos, seja mediante atos de confissão visíveis.

Em Camarões, eu mesmo rapidamente abri mão de tais apelos à fé porque, por uma questão de cortesia com o missionário branco, a maioria “naturalmente” faz o que este pede deles.³⁷ Ali, a forma adequada de expressar a fé consiste em um pedido para ser batizado, para depois se passar por um curso de catecúmeno de vários meses e então finalmente se pagar a primeira contribuição para a igreja.³⁸ Só então a pessoa é batizada e é considerada cristã.

Entre os sem-teto em Charlottenburg, o conteúdo e o formato da conversão era um assunto complexo. É que vários deles entenderam rapidamente que poderiam angariar sólidas vantagens caso na formação da sua fé eles se expressassem e comportassem do modo que seus bem-aquinhoados atendentes do café lhes propunham de forma verbal ou não verbal. Nesse contexto podem-se observar os limites de uma noção de conversão de estilo pietista. Quem realmente for atingido pelo evangelho, expressará isso em sua vida prática. A fé se visualiza na confissão verbal e vivida.

³⁶ Cf. BUB, 1990, p. 130-140.

³⁷ Talvez se encontre aqui uma razão para os extraordinários índices de conversões no contexto africano.

³⁸ Os missionários europeus muitas vezes interpretaram este ato equivocadamente como pagamento pelo batismo. No entanto, o pagamento da contribuição à igreja é para o africano uma expressão concreta e pública da sua fé.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas experiências deixam claro que a aplicação dos aspectos evangelísticos citados neste ensaio será um projeto complexo.³⁹ Todavia, a missão da igreja de Jesus consiste justamente em sempre transpor seus limites, abordando as pessoas que a cercam. Pessoas empobrecidas são particularmente acessíveis ao evangelho em razão da carência que experimentaram. Em respeito ao semelhante, os cristãos não devem abusar desta acessibilidade em seus apelos missionários, mas também não devem ignorá-la. Neste sentido, a postura e a atuação evangelísticas da igreja ao lado das pessoas carentes serão paradigmáticas para sua evangelização em todos os contextos imagináveis. Se a igreja de Jesus não transmitir o evangelho em razão de sentimentos de superioridade, mas em atitude de convivência que convida o semelhante a se redescobrir diante de Deus à luz do evangelho, o resultado será a glória de Deus e o bem dos homens.

REFERÊNCIAS

BEDFORD-STROHM, Heinrich. Armut. In: HONECKER, Martin; et. al. *Evangelisches soziallexikon*. Stuttgart, 2001. p. 113-115.

BERGUNDER, Michael. *Soziologische theorien und theologische debatten: pfingstbewegung und basisgemeinden in Lateinamerika*. Hamburgo: Weltmission heute, 2000.

BERNEBURG, Erhard. *Das verhältnis von verkündigung und sozialer aktion in der evangelikalen missionstheorie - unter besonderer berücksichtigung der Lausanner Bewegung für Weltevangalisation*. Wuppertal: STM, 1997.

³⁹ Vários membros de igreja dedicados em Charlottenburg acharam importante fornecer um abrigo aos sem-teto e reintegrá-los na vida profissional e social. Para esse fim alugaram uma grande residência, que foi colocada à disposição daqueles que se fizessem batizar e manifestassem claramente seu desejo de reintegração. Um candidato particularmente “promissor” abandonou a residência após algumas semanas, perguntando de modo bastante impulsivo onde estaria escrito na Bíblia que um cristão deveria levar uma vida burguesa e habitar uma moradia. “Não se pode ser cristão também atrás dos latões de lixo?” A igreja acabou não conseguindo integrar os marginalizados na igreja por meio do café social. No recinto da igreja, eles disseminavam em torno de si um cheiro “não cidadão”, fazendo com que os membros tradicionais da igreja mantivessem uma boa distância deles. Teria sido melhor desenvolver ao lado da igreja dos cidadãos uma igreja especial para os sem-teto para então construir pontes entre ambos os grupos? Em sua própria igreja talvez tivessem logo assumido sua própria responsabilidade.

BOFF, Leonardo. **Gott kommt früher als der missionar**. Neuevangelisierung für eine kultur des lebens und der freiheit. Düsseldorf, 1992.

BOSCH, David. Evangelisation, Evangelisierung. In: MÜLLER, Karl; SUNDERMEIER, Theo (Edit.). **Lexikon missionswissenschaftlicher grundbegriffe**. Berlin, 1987. p. 102-105.

_____. **L'Évangélisation: courants et contre-courants dans la théologie d'aujourd'hui**. Perspectives missionaires 17, 1989, p. 12-32.

_____. **Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission**. New York: American Society of Missiology, 1991.

BUB, Wolfgang. **Evangelisationspredigt in der volksskirche: zu predigtlehre und praxis einer umstrittenen verkündigungsgattung**. Stuttgart, 1990.

BUTTERWEGE, Carolin. **Armut von kindern mit migrationshintergrund: ausmaß, erscheinungsformen und ursachen**. Wiesbaden, 2010.

CHAMBERS, Robert. **Rural development: putting the last first**. Londres, 1983. Disponível em www.lausannerbewegung.de/data/files/content.publikationen/55.pdf. Acesso em 30/12/10.

FLESSA, Steffen. **Arme habt ihr allezeit: ein plädoyer für eine armutsorientierte diakonie**. Göttingen, 2003.

_____. **Armutorientierung: dringender als je zuvor**. Einige präzisierungen zur armutsorientierung diakonischer sozialleistungsunternehmen. PTh, 2006.

GRAF, Friedrich Wilhelm. **Der protestantismus: geschichte und gegenwart**. Munique, 2006.

GUTIERREZ, Gustavo. **Theologie der befreiung**. Munique: Systematische Beiträge, 1973.

HASLINGER, Herbert. **Diakonie: Grundlagen für die soziale Arbeit der Kirche**. Paderborn, 2009.

MISSÃO e evangelização. In: WIETZKE, Joachim (Edit.). **Missão explicada**. Documentos ecumênicos de 1972 a 1992. Leipzig, 1993. p. 74-98.

POMPEY, Heinrich. **Die Diakonie des Glaubens, Hoffens und Liebens als Ausgangspunkt der Evangelisation**. Lebendiges Zeugnis, 2006. p. 185-200.

RAMACHANDRA, Vinoth. Was ist und was bedeutet integrale mission? In: KUSCH, Andreas; SCHIRRMACHER, Thomas (Edit.). **Der Kampf gegen die weltweite Armut - Aufgabe der evangelischen Allianz? Zur biblisch-theologischen Begründung der Micha-Initiative**. Bonn: Martin Bucer Seminars, 2009. p. III-129.

REIMER, Johannes. **Evangelikale für soziale Gerechtigkeit und die Suche nach der gesellschaftlichen Relevanz in den Kirchen des Westens**. ZMiss, 2009. p. 359-375.

SUNDERMEIER, Theo. **Konvivenz als Grundstruktur ökumenischer Existenz heute: Konvivenz und Differenz: Studien zu einer verstehenden Missionswissenschaft**. Erlangen: MWNF, 1995. p. 43-73.

_____. **Theologie der Mission: Konvivenz und Differenz. Studien zu einer verstehenden Missionswissenschaft**. Erlangen: MWNF, 1995. p. 15-42.

WERTH, Martin. **Theologie der Evangelisation**. Neukirchen-Vluyn, 2004.